

**Predicação verbal e impersonalização discursiva:
gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português**

Verbal predication and discursive impersonalization:
gradience and alternation in the Portuguese Construction Grammar

Predicación verbal e impersonalización discursiva:
graduación y alternancia en la Gramática de Construcción portuguesa

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Brasil)

RESUMO

Este artigo lida com o fenômeno da impersonalização discursiva de participante que codifica a força indutora de um evento, centrando-se na delimitação de construções de predicação verbal que o promovem e que estão em alternância. Em linhas gerais, a intenção é descrever as construções de predicação verbal que propiciam a conceptualização de eventos em que o participante supracitado é desfocalizado ou suspenso e relacioná-las a observações resultantes de pesquisas quanto a atributos constitutivos de algumas delas e a fatores contextuais. Essa descrição baseia-se num referencial teórico que articula orientações da perspectiva funcional-cognitiva baseada no uso a orientações da perspectiva sociolinguística variacionista e no exame de amostras de dados obtidos em textos jornalísticos e acadêmicos. O mapeamento das construções de predicação verbal acionadas em prol de impersonalização discursiva leva-nos a uma diversidade de estruturas que envolvem: os verbos suportes ter e haver ou o semissuporte sofrer, pronomes de referência indeterminada, arbitrária ou vaga, pronome

* Sobre a autora ver página 84.



apassivador ou verbo auxiliar de voz passiva. Também propicia a identificação de casos de desfocalização (mais saliente ou menos) ou encobrimento (total ou parcial) desse participante, bem como casos de supressão dele. E, ainda, promove generalizações relativas à alternância entre algumas dessas construções.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções; Impessoalização discursiva; Predicação verbal; Alternância; Gradiência funcional.

ABSTRACT

*This paper deals with the phenomenon of participant discursive impersonalization that encodes the inducing force of an event, focusing on the delimitation of verbal predication constructions that promote it and are in alternation. In general, the intention is to describe the verbal predication constructions that provide the conceptualization of events in which the aforementioned participant is defocused or suspended and to relate them to observations that result from researches regarding the constitutive attributes of some of them and contextual factors. This description is based on a theoretical framework that articulates orientations from the functional-cognitive perspective based on the use and orientations from the variationist sociolinguistic perspective and on the examination of data samples obtained from journalistic and academic texts. The mapping of verbal predication constructions triggered in favor of discursive impersonalization leads us to a variety of structures involving: support verbs *ter* and *haver* (to have) or semi-support *sofrer* (to suffer), indeterminate, arbitrary or vague reference pronouns, passive pronoun or auxiliary verb of passive voice. It also enables the identification of cases of (more prominent or less) defocussing or (total or partial) concealment of this participant, as well as cases of its suppression. It also promotes generalizations concerning the alternation between some of these constructions.*

KEYWORDS: Construction Grammar; Discursive impersonalization; Predication; Alternation; Functional gradience.

RESUMÉN

Este artículo aborda el fenómeno de la impersonalización discursiva de los participantes que codifica la fuerza inductora de un evento, centrándose en la delimitación de construcciones de predicaciones verbales que lo promueven y están en alternancia. En términos generales, la intención es describir las construcciones de predicaciones verbales que proporcionan la conceptualización de los eventos en los que el participante mencionado está desenfocado o suspendido y relacionarlos con observaciones resultantes de la investigación sobre los atributos constitutivos de algunos de ellos y factores contextuales. Esta descripción se basa en un marco teórico que articula orientaciones desde la perspectiva funcional-cognitiva basada en el uso de orientaciones desde la perspectiva sociolingüística variacionista y en el examen de muestras de datos obtenidos de textos periodísticos y académicos. El mapeo de las construcciones de predicaciones verbales desencadenadas a favor de la impersonalización discursiva nos lleva a una variedad de estructuras que involucran: los verbos de soporte tienen y tienen o tienen soporte, pronombres de referencia indeterminados, arbitrarios o vagos, pronombres pasivos o verbos auxiliares de voz pasiva. También permite la identificación de casos de desenfoco (más prominente o menos) u ocultación (total o parcial) de este participante, así como casos de supresión de la misma. También promueve generalizaciones con respecto a la alternancia entre algunas de estas construcciones.

PALABRAS CLAVE: Gramática de construcciones; Impersonalización discursiva; Predicación verbal; Alternancia; Gradiencia funcional.

1 Introdução

A predicação verbal corresponde, em linhas gerais, a uma relação semântico-formal entre um predicador verbal (simples ou complexo) e participante(s)/termo(s) predicado(s) (ou papéis participantes) que se consubstancia funcionalmente num estado de coisas (dinâmico ou não) representado por uma proposição a qual se configura, em nível oracional, segundo uma construção de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995) – transitiva ou intransitiva, pessoal ou impessoal. A proposição é, então, uma representação conceptual de um estado de coisas (LAMBRECHT, 1994¹) que é pareada a uma estruturação léxico-sintática (envolvendo lexemas, construções lexicais, ou construções gramaticais que se compatibilizam a *slots* construcionais gramaticalmente relacionados). Essa estruturação é, por sua vez, usada e/ou interpretada pelo usuário da língua como unidade de informação nos mais diversos contextos discursivos. Por exemplo:

- (1) Por fim, Lula **criticou** a programação das TVs a cabo e disse que é preciso incentivar produções regionais (PB, Estadão, 12/03/2010, <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-ataca-falsos-democratas-da-imprensa,523174>).
- (2) Presidente **fez crítica** aos jornais brasileiros na abertura da 2ª Conferência Nacional de Cultura.’ [...] O material jornalístico produzido pelo Estadão é protegido por lei. (PB, Estadão, 12/03/2010, <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-ataca-falsos-democratas-da-imprensa,523174>).
- (3) Entre outras coisas, **criticou-se** a baixa representação feminina, o baixo número de filmes americanos, de longas de diretores consagrados e [...] (PB, O Globo, 12/04/2018, <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/diretor-do-festival-de-cannes-diz-que-questao-com-netflix-esta-aberta-22585895>).
- (4) No jantar com Dilma Rousseff na semana passada, as orelhas de Joaquim Levy arderam. Após a presidente mostrar preocupação com a situação na China **houve crítica** dos executivos à mudança no Reintegra, programa que “devolve” às empresas parte do valor exportado em produtos manufaturados por meio de créditos do PIS e Cofins. (PB, Isto é, 28/08/2015, https://istoe.com.br/434203_ROTA+DA+CEGONHA/).

¹ “[...] propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts” (LAMBRECHT, 1994, p. 5).

- (5) Três importantes programas foram criados ou melhorados durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), entre 2003 e 2010, através do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, criado no início do governo, como o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), extinto no governo federal comandado por pelo atual presidente Jair Bolsonaro (PSL), no primeiro dia de mandato através da Medida Pública Provisória (MP) 870/19. A mudança foi publicada no Diário Oficial e a ação **teve crítica** de instituições e movimentos sociais relacionados com o combate à insegurança alimentar (<https://nuntiare.sites.uepg.br/2019/09/25/dos-pratos-cheios-aos-vazios-onde-a-inseguranca-alimentar-se-esconde/>).
- (6) Atriz britânica Cynthia Erivo posa para fotos na estreia do filme “Harriet”, no festival de Toronto, em 10 de setembro de 2019. Ela interpreta a abolicionista americana Harriet Tubman e **sofreu crítica** de americanos negros que gostariam que a personagem fosse interpretada por uma negra americana, descendente de escravos, e não por uma estrangeira.” (Folha de São Paulo, 10/11/2019 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/cresce-o-debate-sobre-identidade-negra-nos-estados-unidos.shtml>).

Nos seis exemplos, está em jogo uma predicação que corresponde à conceptualização de um estado de coisas envolvendo dois participantes (quem critica e o que/quem é criticado) e que é representada em proposições projetadas ou a partir do predicador verbal *criticar* ou do lexema predicante *crítica* sobre o qual opera um verbo suporte (*fazer, haver, ter*) ou semissuporte (*sofrer*) verbalizando-o e, então, com ele configurando uma construção gramatical com verbo-suporte (MACHADO VIEIRA, 2018). O *slot* destinado a predicador numa construção predicante de estrutura argumental pode, então, ser preenchido por uma construção lexical (*criticar(-se)*) ou uma construção gramatical (*fazer crítica, haver crítica, ter/sofrer crítica*). E os termos sintagmas nominais (SN) com papéis participantes previstos a partir da semântica do predicador simples ou complexo – que, por sua vez, também são preenchidos por construções lexicais ou gramaticais – compatibilizam-se aos papéis argumentais da construção de estrutura argumental acionada para a conceptualização do estado de coisas e a estruturação desta: transitiva ou intransitiva; pessoal ou impessoal. Nos exemplos, prevalece a construção de estrutura argumental transitiva pessoal; um deles configura-se como construção impessoal.

Nos dois primeiros exemplos, a conceptualização do estado de coisas é representada pela explicitação do participante força indutora da crítica (*Lula, Presidente*) como SN sujeito: na primeira, com predicador simples; na segunda, com predicador complexo (resultante da construção com verbo suporte). A partir do terceiro exemplo, o participante força indutora é, em algum grau, encoberto e/ou desfocalizado ou até suprimido na conceptualização do estado de coisas.

No terceiro exemplo, articula-se a construção de predicação verbal à construção de proposição com pronome SE indeterminador de participante força indutora, para indefinição/suspensão desse da estrutura resultante. No quarto exemplo, a construção de predicação com verbo suporte é preenchida por *haver* (e poderia ainda ser preenchida por *ter*, como se verá adiante), o que confere ao predicador complexo resultante estatuto de transitividade impessoal e, então, desencadeia uma organização gramatical em que o papel participante (quem critica) ou se materializa em sintagma preposicional (SP) ou é suprimido (conforme ainda será tratado). Nos quinto e sexto exemplos, a construção de predicação com verbo suporte é preenchida por *ter*, lexema frequentemente atraído para a configuração de predicadores complexos não-dinâmicos e, então, reconhecido como verbo-suporte, e *sofrer*, lexema que, apesar de não ser normalmente associado ao estatuto gramatical de verbo suporte (operador de verbalização de elementos não-verbais) assim como *ter*, funciona, por força de coerção da construção, tal qual um verbo-suporte. Em ambos exemplos, essa opção de configuração do estado de coisas permite que este seja conceptualizado com base na perspectivização do participante “o que/quem criticado”, assim como no deslocamento e na desfocalização do participante força indutora para a condição de SP (que pode ser configurado com referência definida ou indefinida/opaca) ou até com base em seu apagamento (conforme dados da pesquisa revelam). E a semântica convencionalmente associada aos lexemas *ter* e *sofrer* soma força a essa conceptualização em que a passividade é perspectivada.

No Português, conta-se com estruturações que viabilizam proposições em que o participante/referente do discurso que funciona semanticamente na predicação para codificar a fonte/força indutora (fonte/origem de energia, força iniciadora ou força experienciadora) de um estado de coisas (em geral, agente, causa, experienciador; mas também possuidor) se sujeita a um processo de impersonalização (ou impessoalização) discursiva. Tais estruturações (com atributos lexicais, morfossintáticos, fonético-fonológicos e prosódicos) são pareadas simbolicamente a atributos (relativos a funções semânticas, discursivas, pragmáticas, sociais ou cognitivas) particulares, mas também são alinhadas funcionalmente e, então, usadas e interpretadas como alternativas a depender de certas condições de configuração de contexto discursivo e/ou de certos valores de seus atributos formais e funcionais. Estabelecem-se, nesse segundo caso, conexões/links de associação paradigmática, sintagmática ou pragmática (SCHMID, 2020), que aqui se procura esboçar.

A impersonalização (ou impessoalização) discursiva (MACHADO VIEIRA, 2017) é um fenômeno que promove a desfocalização, suspensão ou supressão de um referente/participante do discurso envolvido no estado de coisas como estratégia de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) ou, em outras palavras, como maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter)locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este.

Expõem-se, neste artigo, generalizações baseadas em dados de construções de predicação verbal que consubstanciam proposições com algum grau de impersonalização discursiva. Tais generalizações decorrem de análises de dados de predicações verbais coletados em textos jornalísticos e acadêmicos

levadas a cabo segundo um olhar que reúne orientações de Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções Baseada no Uso e Sociolinguística Variacionista (um olhar delineado conforme indicado em MACHADO VIEIRA, 2016, WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018, MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

2 Referencial teórico-metodológico

2.1 Conceitos, parâmetros de análise e orientações teórico-metodológicas

As línguas estão sujeitas aos processos de variação, mudança e estabilização (relativa). Afinal, o conhecimento linguístico de membros de comunidades de fala (que está estocado na mente individualmente e que propicia a intercomunicação) é, por um lado, similar, porque socialmente partilhado, e também, por outro, diferente, porque o conhecimento de um falante não é idêntico ao de outro. Para traçar generalizações sobre esse conhecimento linguístico, o referencial aqui é o da articulação de conceitos, parâmetros de análise e orientações em Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções e Sociolinguística Variacionista. Essa perspectiva propicia, entre outras contribuições, “ferramentas e incentivo para olhar além de um ‘falante-ouvinte’ ideal” (cf. GOLDBERG, a sair).

Nesse modelo com perfil socioconstrucionista, a arquitetura/o conhecimento da língua emerge da experiência do uso sobre a qual operam processos cognitivos gerais (entre os quais, categorização, analogia e neoanálise) e processos sociais (identidade, redes sociais, configurações geracionais, por exemplo). E é constantemente moldado por essa experiência. Fatos linguísticos são, então, explicados com base em propriedades observadas/percebidas nas experiências de uso e/ou processamento e em efeitos de frequência de (co-)ocorrência. O conhecimento linguístico de língua, *construct-i-con*, baseia-se em categorização e generalização de *inputs*/exemplares em pareamentos forma-função.

A unidade de investigação é o construto/uso linguístico licenciado por um padrão construcional (pareamento forma-significado/função numa unidade simbólica, com estatuto lexical ou gramatical/procedural) que se conecta a outros padrões (também procedurais/gramaticais ou lexicais) configurando, assim, uma rede complexa de *nós*/pareamentos e *links*/ligações (de herança, extensão, associação e instanciação). Essa rede submete-se diacrônica e sincronicamente a reconfigurações.

Os padrões construcionais (unidades mínimas do sistema linguístico que não são composicionais) estruturam-se em diferentes níveis de esquematicidade: esquemas construcionais/macroconstruções (os pareamentos mais gerais/abstratos e esquemáticos de uma rede e, então, os que mais *slots* para preenchimento têm); subesquemas construcionais/mesoconstruções (construções de esquematicidade intermediária, com *slot(s)* substantivo(s) e *slots* por preencher); e microconstruções (construções individuais substantivas/preenchidas, embora ainda sejam do nível da representação abstrata do conhecimento linguístico). E a materialização desses padrões é viabilizada por meio de constructos (usos linguísticos efetivamente observáveis em textos).

Outro fator que afeta a configuração de tais padrões é a produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Afinal, opera-se com padrões construcionais com vários graus estatísticos. A frequência de ocorrência/exposição linguística tem efeito no processo de entrenchamento que ocorre na mente de um usuário da língua e no processo de convencionalização que ocorre em comunidade linguística, bem como na relação de ambos. A frequência de tipo construcional e a extensibilidade de um padrão em tipos construcionais (ou seja, rotinização e esquematização²) também têm efeito na representação do conhecimento linguístico e, assim, influência no que se efetiva na interação comunicativa³.

Outro fator é contextualidade (GOLDBERG, 2016). Fatores contextuais, propósitos comunicativos, conhecimento partilhado propiciado pelo contexto, expectativas em relação ao interlocutor ou à situação comunicativa⁴ podem interferir no acionamento e na significação de construções, na associação de forma e significado, na relação de dados a microconstruções ou (sub)esquemas estocadas na mente e, conseqüentemente, em função da rotinização de uma certa associação dar margem a mudança construcional ou até, se a alteração também alcançar a face formal, promover construcionalização (formação de um novo pareamento – nova forma associada a nova função). Schmid (2020) argumenta que os links entre construções são de 4 tipos, que, em linhas muito gerais, seriam: simbólicos (associações entre formas e significados), paradigmáticos (associações entre unidades linguísticas que são similares ou se relacionam em termos de forma e significado/função), sintagmáticos (associações entre elementos que tendem a se relacionar sintaticamente, um desencadeia/aciona o outro) e pragmáticos (associações entre elementos linguísticos e contextos em que eles tendem a ser usados).

Certas estruturas, como as construções de estrutura argumental, são instanciadas no uso tantas vezes que sua produtividade nos dá a impressão de estabilidade. A conceptualização de um estado de coisas numa proposição consubstanciada numa estrutura de argumentos revela-se, entre outras maneiras, cognitivamente por perspectivação dos participantes nele envolvidos e linguisticamente pelo acionamento de construções com configuração formal-

² “Routinization and schematization are cognitive and neural effects of the activation of repeated identical or at least similar patterns of associations. Routinization refers to the strengthening and increasing automatization of associations, schematization to a process that derives second-order associations from the commonalities of first-order associations (e.g. LANGACKER 2008, p. 17).” (SCHMID, 2015, p. 13)

³ “the repeated processing of different elements instantiating the same schemas results in the routinization of these schemas. This has three effects: the strengthening of symbolic associations between the forms and meanings of the schema; the emergence of syntactic categories such as word-classes on the paradigmatic dimensions; and an increase in the productive use of the schema, which accounts for the generative capacity to produce utterances never processed before”. (SCHMID, 2015, p. 15) “[...] if input is highly uniform (high ‘token frequency’), then specific form-meaning pairings, and in particular irregular ones, become strengthened and strings of elements become fixed and eventually chunked (often supported by the routinization of motor activities). If the input is variable, but shares identical or similar meanings or functions (high ‘type frequency’), then schemas are strengthened, which increases the dynamic and productive potential of a speaker.” (SCHMID, 2015, p. 16).

⁴ Depending on what my interlocutor knows, I am influenced in my choice of alternating constructions, specifically constructions that allow me to place new information at the end of my utterance. At the level of lexical elements, context influences the choice between formal and informal variants [...] (MARTIN HILPERT *apud* WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 38).

funcional que promova a perspectivação eleita e sobre o qual também atua o fator contextualidade. E, assim, abre-se espaço para variação construcional.

O processo de compatibilização de unidades linguísticas (construções) nos *slots* de uma construção (hierarquicamente mais alta, esquemática e abstrata) também propicia contexto com potencial de implicar variação de formas de preenchimento, ou seja, o fenômeno de variabilidade interna a padrões construcionais.

Outro processo que enseja variação é a convencionalização social, a partir de experiências de uso, de relações de similaridade entre certos padrões construcionais ou de alinhamento funcional entre atributos destes. Em outras palavras, associações/analogia (quer entre formas que se compatibilizam no *slot* de um padrão construcional quer entre padrões construcionais ou atributos destes) podem implicar percepções de similaridade entre usos que sejam replicadas em novos estímulos na comunidade e, então, convencionalizadas pelos falantes com base em certa regularidade na configuração de tais usos e/ou das experiências discursivo-pragmáticas ou sociais de conceptualização a que eles servem. O falante, então, também conta com conhecimento linguístico baseado em relações de similaridade.

As variantes de uma área de conceptualização com sobreposição funcional (constructos oriundos de construções independentes em alternância por relação de similaridade) podem ser rotuladas, segundo Cappelle (2006), como aloconstruções (*allostructions*, por analogia a alofone e alomorfe)⁵. Para lidar com a relação de associação entre construções, Cappelle (2006) sugere que duas ou mais construções devem ser vistas como ligadas através de uma “metaconstrução”, que captura, por um lado, o que essas construções partilham e, por outro, indica o tipo de contribuição funcional específica de cada construção. Metaconstrução é o espaço de generalização comum aos padrões construcionais variantes que capta a relação analógica entre eles, sua associação por similaridade.

No exame de predicações verbais a serviço de impersonalização discursiva do participante força indutora, considera-se a potencialidade de algum grau de alinhamento funcional entre: (a) padrões construcionais de predicação complexa com verbo (semi)suporte (*houve crítica; teve crítica, sofreu crítica*), (b) padrões construcionais de predicação com predicadores simples cognatos, acompanhados ou não de pronome clítico SE (*criticou-se/criticaram*), (c) padrões construcionais de predicação verbal com participante força indutora preenchido por pronome com referência indefinida (*nós criticamos*), (d) certos padrões construcionais de predicação na voz passiva analítica (*foi criticado*). Assim sendo, cogita-se, nesses casos, lidar com *variação linguística* baseada em relação de similaridade desencadeada por analogia entre padrões construcionais independentes na gramática do Português e, por conseguinte, identificar aloconstruções e colexemas (alternativas colocacionais).

⁵ “The concept of an allostruction or a constructeme invites us to think of a high-level node that undergoes entrenchment. Connections between paradigmatically related constructions are a necessary precondition for that, and it would probably not be far-fetched to say that the stronger these connections are, the more likely it is that speakers will in fact create such a generalization. Proponents of the link-based view would say that everything lies in the strength of the connections, so that an allostruction would really be an epiphenomenon of very strong links between constructions with formal or functional relations.” (MARTIN HILPERT *apud* WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 39).

Compreende-se variação aqui como um processo de associação de propriedades de atributos relativos às faces forma-significado/função⁶ de certos pareamentos/padrões construcionais que propiciam a conceptualização de estados de coisas sob algum tipo de perspectivação discursivamente impersonalizada do participante força indutora. E, ainda, cogita-se de um processo de associação pragmática, entre elementos linguísticos e contextos em que eles tendem a ser usados. Considera-se que principalmente o domínio discursivo acadêmico e também o domínio discursivo jornalístico promovem espaço para predicações verbais sem a pessoa discursiva do participante força indutora expressa ou sintaticamente em evidência.

2.2 Materiais em análise e procedimentos metodológicos

Consideram-se, na exposição de alguns resultados de pesquisas do Projeto PREDICAR – *Formação e expressão de predicados complexos*, amostras com dados oriundos de textos dos domínios acadêmico e jornalístico. Elegeram-se esses domínios para coleta, a partir da suposição de que o primeiro é espaço que promove predicação verbal com impersonalização discursiva e o segundo é espaço para variação entre esse e perfil proposicional diferente desse. Algumas amostras contêm dados de oralidade e escrita e/ou dados das variedades brasileira e portuguesa. O intuito com essa diversidade é, em última instância, mapear os padrões construcionais que viabilizam a impersonalização discursiva (no âmbito das pesquisas em curso projeto) e traçar um panorama geral do conhecimento a esse respeito (neste artigo).

Entre os procedimentos explorados no Projeto PREDICAR, recorre-se a encaminhamentos de pesquisa observacional de *corpus*, além de pesquisa experimental (que aqui não terá seus resultados expostos). Na pesquisa de *corpus*, procede-se à análise qualiquantitativa: entre outros procedimentos, faz-se a triagem de dados por categorias construcionais diferentes e similares, bem como a análise de frequência *token e type* e quantificação estatística que chega a se desenhar, em algumas amostras (como será visto no item 4), por análise multivariada (viabilizada pelo programa Goldvarb X).

3 Construções de predicação verbal para impersonalização discursiva

Pode-se perspectivar, de diferentes ângulos, elementos do estado de coisas a ser representado na predicação e salientar uns em detrimento de outros. E, para conceptualizar um estado de coisas (dinâmico ou não), o falante conta com padrões construcionais de predicação verbal de estrutura argumental pessoais ou impessoais, transitivos ou não. E a configuração da predicação pode atualizar-se numa construção de voz ativa ou numa construção de voz passiva (neste caso, numa estruturação sintética com o pronome SE apassivador e numa estruturação analítica com um *slot* destinado a verbo auxiliar (preenchido frequentemente pelo verbo *ser*) que opera sobre um *slot* destinado ao predicador (simples ou complexo), formando com este uma perífrase verbal).

⁶ Na face formal, atributos fonético-fonológicos e morfossintáticos; na face funcional, atributos semânticos, discursivos, pragmáticos, sociais e cognitivos.

O *slot* destinado a preenchimento por um predicador verbal que perfile (ou não) participante(s) pode ser preenchido por forma verbal simples ou por predicador verbo-nominal/completo licenciado, por sua vez, por uma construção de predicação com verbo suporte ([____Verbo suporte ____Elemento não-verbal predicante]Predicador verbal complexo). Exemplos de predicador complexo e predicador simples cognato estão neste enunciado:

- (7) A nossa sociedade **tem rejeição** à velhice. Vivemos em uma sociedade que **rejeita** envelhecer e isso deixa o idoso à margem (PB, Idest, 15/06/2016, <http://idest.com.br/noticias/variedade/sociedade-tem-rejeicao-a-velhice-diz-presidente-da-sociedade-de-geriatria>)

Tendo em mente essas considerações iniciais, passa-se a desenhar um panorama geral das quatro construções que viabilizam, nas amostras de dados oriundos do discurso acadêmico e jornalístico investigadas, a perspectivação de uma predicação com impersonalização discursiva e, por conta dessa funcionalidade, são associadas pelos falantes como recursos discursivos em alternância.

3.1 Padrões construcionais de predicação organizada com predicador flexionado na terceira pessoa do plural ou na primeira pessoa do plural, com participante força indutora não-expresso ou preenchido por construção lexical/gramatical (frequentemente, com forma pronominal) com referência indefinida e genérica: [(as pessoas/alguns/você/a gente/nós)_{genérico} predicador complexo na 3ª ou 1ª p.]predicação verbal pessoal.

- (8) **Todos esperam** que a próxima grande revolução tecnológica saia dos laboratórios da Google, Facebook, Apple ou Microsoft. Mas isso não significa que tenha de vir obrigatoriamente dos EUA. Estas e mais 350 outras tecnológicas de grande calibre estão todas em Telavive, Israel, à procura da tecnologia – ou da pessoa – que vai mudar por completo o mundo (PP, Diário de Notícias, 30/10/2018, <https://insider.dn.pt/inovacao/telavive-israel-capital-tecnologia/7789/>).
- (9) Com a evolução dos tempos, estas balizas temporais alteraram-se, avançaram, recuaram... Até à década de 70 do século XX, quase todos os países europeus tinham a idade de voto fixada nos 21 anos. Hoje, **muitos baixaram** esse limite para os 18 anos, mas no Brasil, por exemplo, pode-se votar a partir dos 16. Nos EUA, é possível conduzir a partir dos 16 anos, mas votar só depois dos 18 e ir à discoteca apenas aos 21. Fará isto sentido? [...] A conquista da maioridade tem uma grande carga simbólica”. Mas não é verdade que hoje um jovem de 18 anos seja “mais adulto” do que há 30 anos — nessa altura, com a mesma idade, **muitos** já **trabalhavam** e **alguns** já **tinham constituído** família e até tinham filhos (PP, Expresso, 26/02/2017, <https://expresso.pt/sociedade/2017-02-26-Nunca-mais-e-hora-de-ser-crescido>).

- (10) O caráter inovador do tradr é conseguir captar o gosto de cada um, conectando as pessoas localmente e criando um senso de comunidade a partir de algo extremamente individual. **A gente moviment**a uma economia local, onde **as pessoas se conectam** com seus amigos, **criam** uma base e **fazem** acontecer”, aponta Jessica (PB, Jornal de Brasília, 03/08/2015, <https://jornaldebrasil.com.br/cidades/ex-aluna-da-unb-desenvolve-aplicativo-na-universidade-de-harvard/>).
- (11) [...] está denunciando o mercado financeiro. Chega. Não é possível. Eles mesmos se puserem a mão na consciência, vão ver que quando **você explora** demais o seu mercado consumidor, **está matando** a galinha dos ovos de ouro.” (PB, brasil247, 21/06/2018, <https://www.brasil247.com/midia/cid-em-um-governo-de-ciro-jamais-havera-uma-lava-jato>).
- (12) A mulher na menopausa pode receber um pouquinho mais porque ela já não está produzindo nem a testosterona que ela produzia antes de entrar na menopausa. Mas a que não está na menopausa e que tem uma libido baixa ou não tem libido, anorgásmica primária, aí **você tem uma transformação** da mulher, às vezes ela nem comparece [ao consultório], telefona e diz: "Doutor, tudo resolvido [risos] (PB, Entrevista, Memória Roda Viva, 2000).
- (13) Não **criticamos** estas empresas pelo sucesso que têm. O que **reprovamos** é a sua injustiça gritante. (...)” (PP, Público, 23/10/2018, <https://www.publico.pt/2018/10/23/economia/opiniao/justa-tributacao-gigantes-digital-1848419>).

Das possibilidades aqui exemplificadas, a que mais revela exemplos no português do Brasil e no de Portugal é a que se configura com verbo na primeira pessoa do plural acompanhado ou não de pronome nós, principalmente no domínio acadêmico. Nesse domínio, frequentemente os predicadores verbais na primeira pessoa do plural fazem referência ao do enunciador, encobrimdo-o parcialmente, conforme o exemplo abaixo evidencia:

- (14) No trabalho que agora **apresentamos incidimos** num estudo de caso – uma equipa multidisciplinar da administração pública – no qual **perscrutamos** as lógicas subjacentes aos processos de formação, quer dos indivíduos e suas disposições, quer da organização e seus dispositivos, lógicas que se articulam com o trabalho e a profissão e dão conta de (pre)disposições diversificadas por parte dos indivíduos (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2005).

No português brasileiro oral, a estruturação com verbo predicador na terceira pessoa do singular ligado ao pronome você (expresso ou não) também se revela cada vez mais frequente (cf. exemplo 11). No português de Portugal, embora a referência verbal em primeira pessoa do plural seja efetivamente a que se registra no *corpus*, também é possível encontrar predicador verbal em

segunda pessoa do singular para a conceptualização de estados de coisas genéricos, conforme abaixo:

- (15) Quando tiveres idade para decidir, logo **fazes** o que **entenderes**.” Esta é uma frase que a maioria dos adultos ouviu na adolescência, sempre à espera dos 18 anos para poder fazer o que lhe apetecesse sem ter de dar justificações (PP, Expresso, 26/02/2017, <https://expresso.pt/sociedade/2017-02-26-Nunca-mais-e-hora-de-ser-crescido>).

3.2 Padrões construcionais de predicação complexa com certos verbos (semi-)suportes.

- (16) Já no Fluminense, o então Técnico Abel Braga, disse que não **haveria preocupação** com relação a uma possível guerra de egos... [PB, Artigo científico, Esporte e Sociedade, UFF, 2014].
- (17) hoje não **se tem fiscalização**, se libera a licença para supressão, mas não se vai atrás [...] (Dissertação sobre licenciamento ambiental, UFS, 2016).
- (18) 28 locais **têm fiscalização** por videomonitoramento em Fortaleza”⁷ (PB, O Povo, 20/06/2017, <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/06/videomonitoramento-e-mantido-ate-julgamento-de-merito.html>)
- (19) Segundo o Relatório PPA-P 2012-2015 (2012), o programa⁸ teve como orçamento inicial o valor de R\$ 4.614.780,00, para tanto **sofreu redução** em quase 51%, ficando em R\$ 2.306.473,00, o liquidado ficou em R\$ 1.543.153,00. Dessa maneira, a comparação entre o total do programa e o orçamento em 2012 representa 7,07%, e na comparação entre o aprovado e executado, o liquidado foi de 66,91% (PB, Dissertação de Mestrado, UFBA, 2014).

No primeiro exemplo desta segunda subseção, observa-se um predicador verbal complexo licenciado por uma construção de predicação com verbo suporte (*haver preocupação*) que perfila uma dada configuração de papéis participantes a se compatibilizarem com os papéis argumentais de uma construção de estrutura argumental ([____predicador verbal complexo impessoal (____Argn)]predicação impessoal) que pode envolver mais de um argumento e em que o participante fonte/força indutora ou não se manifesta como no exemplo dado ou se materializa na forma de um SP (frequentemente com pessoa-referência com algum grau de indefinição):

⁷ Dado de construção diferente do relativo a uma construção de estado em que *ter* corresponde à perspectivação de contêiner-conteúdo, ao significado de *contar com*: “Ação contra inadimplência do IPVA **tem fiscalização** em Bagé” (PB, 10/01/2020, <http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2019/06/19/acao-contra-inadimplencia-do-ipva-tem-fiscalizacao-em-bage>).

⁸ Um programa na Área Temática Gênero, Raça e Etnia.

- (20) Os professores realizaram o download e a instalação do jogo conforme orientações da pesquisadora. Nesse momento, **houve preocupação** de alguns desses professores com relação a vírus de computador, já que, alguns não possuem confiança em instalar softwares de locais que não conhece (PB, Dissertação de Mestrado, UTFPR, 2017).

Outra possibilidade de compatibilização ao *slot* de verbo suporte é a do lexema *ter* (abaixo ilustrada) ou, ainda, *ter-se* (como no segundo exemplo supracitado nesta subseção, exemplo 17).

- (21) Sendo um dos principais pilares da política para combater a exclusão na qual estão inseridos os territórios quilombolas, não são apresentados nos relatórios dos governos estadual e municipal, no período de acesso, quando **tem movimentação** de recursos para atender a população negra quilombola (PB, Dissertação de Mestrado, UFBA, 2014).

Nas amostras de dados dos domínios discursivos jornalístico e acadêmico da variedade portuguesa, não se registra dado com *ter* ou *ter-se*, mas apenas *haver*. O preenchimento por *ter* é pouco encontrado na escrita brasileira, sendo mais localizado na modalidade oral de expressão linguística. Ao que parece, *ter-se* é a construção acionada para o preenchimento do *slot* de verbo-suporte que vem ganhando o espaço de *ter* principalmente na escrita acadêmica. Acredita-se que isso se deva ao fato de, nesse domínio, serem mais produtivas construções com pronome SE. Cogita-se de um caso de contaminação construcional (noção desenvolvida por Pijpops e Van de Velde, 2016, segundo refer Martin Hilpert em entrevista a WIEDEMER, MACHADO VIEIRA, CEZARIO, 2019, p. 31): ocorre sempre que uma construção que pode variar entre duas formas tende a outra forma por causa de uma terceira, construção não-relacionada que a contamina. Assim, conta-se com: (i) [*haver/ter* elemento não-verbal]_{predicante}predicador complexo impessoal e (ii) [*ter-se* elemento não-verbal]_{predicante}predicador complexo.⁹

Somam-se a esses padrões construcionais padrões que envolvem verbo suporte ou semissuporte com que, na conceptualização, se acentue o caráter de condição ou passividade em jogo na predicação, como ocorre nos enunciados com *ter fiscalização* e *sofrer redução*. Em alguns enunciados com *ter*, o participante fonte/força indutora se manifesta, com desfocalização, na forma de SP, como em:

- (22) Um aeroporto localizado em uma rota tradicional de entrada de drogas no Brasil não **tem fiscalização** da Polícia Federal (PB, O Sul, 14/05/2018, <http://www.osul.com.br/um-aeroporto-localizado-em-uma-rota-tradicional-de-entrada-de-drogas-no-brasil-nao-tem-fiscalizacao-da-policia-federal/>).

⁹ A alternância entre esses padrões manifesta-se neste enunciado: “Os trabalhadores sabem, pela experiência que temos no Brasil, que toda vez que **se teve privatização houve demissão** de trabalhadores e diminuição de direitos.” (PB, 28/06/2019, <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/83209-28062019audienciacorreios>).

No mesmo texto em que se registra o exemplo supracitado *ter fiscalização*, também se observa proposição de conteúdo correspondente com configuração alternativa à de verbo-suporte, mais precisamente configurada na construção de voz passiva analítica:

- (23) Hoje já **são fiscalizados** 28 pontos da Cidade para o flagrante e a autuação de infrações. Entre eles, a pista de embarque e desembarque de passageiros no Aeroporto Pinto Martins (PB, O Povo, 20/06/2017, <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/06/videomonitoramento-e-mantido-ate-julgamento-de-merito.html>).

3.3 Padrões construcionais de predicação organizada com predicador flexionado na terceira pessoa do singular ou no plural ao qual se liga o pronome clítico SE:

- (a) [____Predicador Transitivo Direto singular ou plural - SEApassivador/Indeterminador de Participante SN singular/plural]]_{predicador verbal complexo (Arg_n)}, em que $Arg_n \geq 0$;
- (b) [____Predicador Intransitivo ou Transitivo Indireto singular - SEIndeterminador de Participante SN sujeito]]_{predicador verbal complexo (Arg_n)}, em que $Arg_n \geq 0$.

- (24) O tráfico foi a estrutura e o escravismo a função do sistema “plantation”, neste processo **se movimentou** uma população de onze milhões de pessoas, desses 4 milhões chegaram aos portos brasileiros, representando 36,6% da população de africanos que sofreu a maior violência da humanidade, ainda não apurada e reparada (PB, Dissertação de Mestrado, UFBA, 2014).
- (25) **Adotou-se**, neste estudo, a utilização de uma bobina de Helmholtz para a geração do campo magnético (PB, Revista Ciência & Engenharia, 2008).
- (26) **Notam-se** produtos de corrosão com pequena extensão nas áreas claras (PB, Revista Ciência & Engenharia, 2009).
- (27) Esta melhoria lógica aproxima o perfil da variável entre P e E por uma parábola, em vez de uma linha reta. Para construir uma parábola, **precisa-se** de dados em mais do que um ponto (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2014).

No primeiro padrão construcional, o participante fonte/força indutora fica suspenso, não podendo materializar-se na proposição, a não ser indiretamente por circunstancialização, conforme revela o exemplo “**Adotou-se**, neste estudo, [...]”, em que o SP indica que o referente coincide com o enunciador, o pesquisador.

Nos domínios acadêmico e jornalístico, registra-se, na análise de dados de predicações verbais transitivas diretas (cf. MACHADO VIEIRA, 2015),

inclinação à flexão do verbo consoante o número do SN participante 2 envolvido no estado de coisas, principalmente na variedade portuguesa, na modalidade escrita de expressão linguística e em proposições de predicação com referente participante fonte/força indutora relativamente recuperável no texto ou na situação comunicativa. Os contextos nesses domínios em que o verbo é flexionado no singular estão relacionados a proposições que envolvem predicadores complexos com verbos auxiliares modais (*poder, dever*) e em que a referência do participante fonte/força indutora está total ou parcialmente encoberta, é opaca, genérica:

- (28) Para Juliano Barbosa de Araujo, sócio do Porto Advogados, a utilização da teoria do Nudge pode ampliar a eficiência da regulamentação de políticas públicas. Mais do que simplesmente punir, as políticas públicas podem ser desenhadas a partir de dispositivos pedagógicos ou indutores. E é nisso que devemos investir. **Deve-se aperfeiçoar** modelos de verificação do desempenho das políticas públicas, destaca (PB, Terra, Isto é, 06/09/2019, <https://www.istoedinheiro.com.br/as-redes-sociais-como-aliadas-das-boas-causas/>).

3.4 Padrões construcionais de predicação na voz passiva analítica

Para obter aproximações para a primeira e segunda derivada da variável em função das coordenadas, **são usadas** expansões em séries de Taylor ou regressões polinomiais. Quando necessário, estes métodos **são** também **aplicados** para obter os valores das variáveis em locais fora dos nós da malha (por interpolação) [3] (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2014).

A Amazon chegou a tomar medidas que **foram criticadas** por alguns escritores, incluindo a remoção da opção de pré-venda sobre os títulos da Hachette e o atraso na entrega de alguns livros.” (PB, O Globo, 13/11/2014, <https://oglobo.globo.com/economia/amazon-hachette-alcancam-acordo-sobre-preco-de-book-14552734>).

- (29) Nesta pesquisa, tais etapas **foram adaptadas** ao perfil dos estudantes, o que levou à simplificação do circuito: trabalhamos com apenas 7 [sete] fases (PB, Revista Diadorim, 2017).

Entre as possibilidades de configuração, encontram-se estas: (i) [SN predicador complexo_{com Vauxiliar na voz passiva}] – sem participante fonte/força indutora expresso; (ii) [SN predicador complexo_{com Vauxiliar na voz passiva} SP] – com participante fonte/força indutora expresso (por construção lexical ou gramatical na forma de SP).¹⁰

Tanto no português brasileiro quanto no português europeu, observa-se maior propensão ao emprego de dados de construção de voz passiva analítica sem participante fonte/força indutora expresso (como se observa no

¹⁰ Para mais detalhes quanto a esses padrões, conferir Machado Vieira; Santos; Kropf (2019).

primeiro exemplo desta subseção) ou com ele materializado com referência genérica (como no segundo exemplo).

O terceiro exemplo ilustra o acesso indireto ao referente do participante fonte/força indutora da predicação verbal. A circunstancialização dessa referência é apreendida em “nesta pesquisa” (ou expressões similares como “neste estudo” em outro exemplo supracitado, bastante comuns no discurso acadêmico).

3.5 Padrões construcionais de predicação em construção de estruturação verbal não-finita (infinitiva ou gerundiva) sem participante força indutora expresso ou com ele preenchido por construção lexical ou gramatical de referência genérica.

- (30) Todos os métodos produzem bons resultados, mas para tal é necessário **conceber** uma malha suficientemente robusta. Contudo, alguns métodos são mais adequados do que outros para determinadas categorias de problemas (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2014).
- (31) Para **obter** aproximações para a primeira e segunda derivada da variável em função das coordenadas, são usadas expansões em séries de Taylor ou regressões polinomiais. Quando necessário, estes métodos são também aplicados para **obter** os valores das variáveis em locais fora dos nós da malha (por interpolação) [3] (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2014).
- (32) Para a obtenção de uma equação algébrica para um determinado volume de controlo, os integrais de superfície e de volume precisam de ser aproximados **usando** fórmulas de quadratura (PP, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2014).

4 Impersonalização discursiva: gradiência e alternância

Como se viu, a impersonalização discursiva de um participante se dá mediante estas alternativas: a) supressão (supressão *default* por conta da configuração impessoal do predicador ou suspensão por conta da configuração morfossintática da construção com SE); b) materialização frequentemente “genérica” (por deslocamento para uma posição sintática em que o participante fonte/força indutora se configure formalmente como um sintagma preposicional (SP) e semanticamente com indeterminação, indefinição, opacificação ou imprecisão da pessoa-referente dele); c) circunstancialização do acesso a seu referente (referencialidade indireta). É, então, um fenómeno que se viabiliza segundo diferentes graus de encobrimento (total ou parcial) e desfocalização (ou desfocamento) desse participante: volta-se a atenção para o evento em si ou para o participante afetado, efetuado, experimentado no estado de coisas, com a retirada de cena ou de foco do participante fonte/força indutora. Em alguns casos, recupera-se parcialmente esse referente ou indiretamente sua relação com o papel de enunciador.

E entre as construções anteriormente descritas, revelam-se conexões por similaridade de atributos de forma e/ou função e por conta do contexto que propicia a impersonalização do participante força indutora, como é o caso do domínio acadêmico-científico, em que muitas vezes esse participante coincide com a pessoa discursiva do enunciador.

Observam-se, entre outras relações de associação por similaridade, as que aqui se destacam a título de ilustração.

Por exemplo, um mesmo texto jornalístico explora estes constructos, licenciados, respectivamente, pelas construções de predicação verbal na voz passiva e de predicação com verbo suporte:

(33) Reforma: Capitalização **é aceita** por 45% dos entrevistados [...] (PB, A Tribuna, 17/06/2019, <https://www.tribuna.com.br/noticias/politica/reforma-capitaliza%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-aceita-por-45-dos-entrevistados-46-preferem-reparti%C3%A7%C3%A3o-1.56123>).

(34) A proposta de que seja fixada uma idade mínima de 60 anos, contudo, **tem aceitação** de 58% dos brasileiros, segundo a pesquisa (PB, A Tribuna, 17/06/2019, <https://www.tribuna.com.br/noticias/politica/reforma-capitaliza%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-aceita-por-45-dos-entrevistados-46-preferem-reparti%C3%A7%C3%A3o-1.56123>).

Noutro texto, num mesmo parágrafo são materializadas predicações com impersonalização discursiva segundo outras duas ocorrências dessas construções:

(35) Mas então esse que você estava se referindo, que quando **foi nacionalizado** ficou pior, na verdade não **teve nacionalização**, sempre foi importado (PB, comentário feito em 2018 à notícia <https://www.noticiasautomotivas.com.br/o-incrivel-relato-de-um-leitor-experiencias-automotivas-desde-1976/>).

Outras construções que se revelam em associação por similaridade são as oriundas de padrões construcionais com verbo suporte impessoal e as licenciadas por construções de predicação verbal com participante força indutora expresso por forma pronominal genérica:

(36) De um lado, **tem-se a movimentação** de uma grande quantidade de articulações políticas e de dinheiro [...] (Artigo científico, Revista Esporte e Sociedade/UFF, 2014).

Dados da microconstrução impessoal [TER-SE_{Verbo suporte} ____Elemento não-verbal predicante]Predicador verbal complexo também se alinham funcionalmente a dados de outras alternativas de configuração de predicador: (i) De um lado, **há a movimentação** de uma grande quantidade de articulações políticas e de

dinheiro [...]; (ii) De um lado, **(nós)temos a movimentação** de uma grande quantidade de articulações políticas e de dinheiro [...]; (iii) De um lado, **(você/a gente)tem a movimentação** de uma grande quantidade de articulações políticas e de dinheiro (...); (iv) De um lado, **movimenta-se** uma grande quantidade de articulações políticas e de dinheiro [...].

Percebe-se, com a comparação brevemente traçada nesta seção do artigo, a possibilidade de representação mental de alguns padrões construcionais aqui apresentados como aloconstruções e outros como (co)lexemas atraídos para o mesmo *slot*, a qual precisa ser averiguada com base em pesquisa experimental.

5 Considerações finais

Este artigo soma contribuições teórico-descritivas ao mapeamento de predicação verbal em Português, ao detalhar as potencialidades da língua a promoverem a impersonalização discursiva de participante fonte/força indutora de estado de coisas, que envolvem: supressão, materialização genérica/parcial ou circunstancialização.

Ele soma, ainda, observações relativas a cotextos (atributos formais e/ou funcionais) ou contextos influenciadores ao rol de descrições construcionistas que vêm colaborando para que a variação ganhe em importância como tópico de investigação construcionista (como destacam TROUSDALE; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019) e para que se perceba que muitos fatores descritos como restrições sobre comportamentos linguísticos passem a ser encarados em termos probabilísticos e gradientes e, assim, a ser representados nas generalizações que compõem o referencial da Gramática de Construções de uma língua.

Destaca também que a variação por similaridade pode ser modelada em termos de conexões e preferências colocacionais ligadas a padrões de atração de lexemas/construções gramaticais a construções gramaticais de predicação verbal ou ligadas a tendências (que precisam ser captadas estatisticamente) entre o acionamento de certas construções e certos valores de atributos formais ou funcionais. Conexões podem variar em força/saliência e podem emergir e desaparecer, conforme destaca Martin Hilpert em entrevista a WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZÁRIO (2019, p. 35). A representação na arquitetura da Gramática de Construções de uma língua tem de permitir captar a dinamicidade e a plasticidade/variabilidade inerentes à língua e, então, acomodar variação, gradiência e mudança.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. In: SCHÖNEFELD, Doris (ed.). **Constructions all over: case studies and theoretical implications** [special issue of *Constructions*], v.1, n. 7, p. 1–29, 2006.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. Compositionality. In: RIEMER, N. (ed.) **Semantics Handbook**. Routledge, p. 419-430, 2016.

_____. Constructions and Variation. GRONDELAERS, S. (ed.) **New Ways of Analyzing Variation**. [a sair].

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**. A theory of topic, focus and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, v. 71, 1994.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Um panorama da norma de flexão verbal de número em construções com SE apassivador/indeterminador. **Cuadernos de La ALFAL**, n.7, março, p. 210-230, 2015.

_____. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Revista Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez., p. 152-170, 2016.

_____. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. **Letrônica**. Porto Alegre, PUCRS, v. 10, n. 1, p. 82-95, janeiro-junho, 2017.

_____. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA, A. et al. **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa**: homenagem a Sílvia Brandão. São Paulo, Blucher, 2018. p. 91-112.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; SANTOS, J. L.; KROPF, M. P. A. **Variação construcional por analogia**: padrões construcionais de predicação na voz passiva. *Revista Soletas*, n. 37, p. 154-178, 2019.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2019.

SCHMID, H.-J. **The Dynamics of the Linguistic System. Usage, Conventionalization, and Entrenchment**. Oxford: Oxford University Press, 2020 (in print).

_____. A blueprint of the Entrenchment-and-Conventionalization Model. **GCLA**, v.3, p. 3-25, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; CEZARIO, M. M. da C. Linguistic Variation and change. **Diadorim**: revista de estudos linguísticos e literários. v. 21, n. 2, p. 8-18, 2019. (número temático: Variação e Mudança em Gramática de Construções).

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; CEZARIO, M. M. da C. A discussion on the relationship between variation and change in Construction Grammar: interview with Martin Hilpert. **Diadorim**: revista de estudos linguísticos e literários. v. 21, n. 2, p. 30-43, (2019. número temático: Variação e Mudança em Gramática de Construções).

Recebido em 11 de janeiro de 2020.

Aprovado em 3 de março de 2020.

Publicado em 30 de abril de 2020.

SOBRE A AUTORA

Marcia dos Santos Machado Vieira é Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas com atuação na linha de pesquisa *Língua e Sociedade: Variação e Mudança*. Tem experiência com: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfossintáticos (formas de tratamento ou referencialidade e construções verbais); mudança de formas linguísticas por gramaticalização, lexicalização, mudança construcional e construcionalização; predicação; auxiliariade; impersonalização discursiva; temporalidade, aspectualidade e modalização. Coordena o Projeto PREDICAR - Formação e expressão de predicados complexos, desde 2002. Integra o grupo de pesquisa Discurso & Gramática (sede da UFRJ). Integra, na gestão 2014-2020, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordena esse GT no biênio 2018-2020. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É uma das editoras gestoras da Revista *Diadorim: estudos linguísticos e literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Preside atualmente a Comissão Organizadora do Fórum Internacional em Sociolinguística (www.fis2019.com.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

E-mail: marcia@letras.ufrj.br